

GT1 – Teoria política marxista

"Ideologia de gênero mata": breves comentários teóricos sobre o fascismo genérico e o bolsonarismo

Brunna Felkl do Nascimento¹

Resumo

Este estudo disserta a respeito do enquadramento teórico do bolsonarismo como um fenômeno social e ideologia política de caráter (neo)fascista. Procura compreender como os pensadores brasileiros justificam a caracterização do bolsonarismo como de caráter (neo)fascista. Para tanto, trabalha com uma revisão bibliográfica a respeito do fascismo genérico e posteriormente - contando ainda com dados jurídicos e midiáticos - o enquadramento - segundo pensadores brasileiros - do bolsonarismo, como de caráter (neo)fascista, demonstrando seus elementos teóricos centrais, ascensão e demais dados que informam a respeito da opinião pública e de pedidos de processo de impeachment do presidente Jair Messias Bolsonaro. Conclui que há um número significativo de pensadores internacionais que entendem o fascismo como um fenômeno político a-histórico e ainda, que há - mesmo que não unanimemente - inúmeros pensadores brasileiros que consideram Bolsonaro e seus adeptos como pessoas de ideologia política (neo)fascista. Desse modo, bolsonaristas e fascistas genéricos - como Mussolini - podem ser entendidos como adeptos a pensamentos e práticas políticas reacionárias, autoritárias, intolerantes e preconceituosas, dentre outras.

Palavras-chave: Fascismo genérico. Bolsonarismo. Neofascismo. Teoria.

INTRODUÇÃO: O QUE É FASCISMO?

O objetivo deste estudo é compreender como e porque os pensadores brasileiros contemporâneos caracterizam o bolsonarismo como uma ideologia e um fenômeno social (neo)fascista. Porém, para isso, é preciso primeiro conceituar o que é o fascismo. Estamos propondo um estudo inicial sobre o que Athaides (2014, p. 4) conceitua como fascismo genérico, para posteriormente dialogar com o seu enquadramento ao caso brasileiro, mais especificamente o que conhecemos como bolsonarismo.

¹ Bacharel em Direito pela FADISMA. Mestranda e graduanda em Ciências Sociais (UFSM). Contato: Brunnafelkl22@gmail.com

Payne (1995) menciona que o fascismo buscou criar um Estado nacionalista e autoritário, com uma estrutura nacional multiclassista, integrada e controlada. Isso porque, recusou o liberalismo, o comunismo e ainda o conservadorismo. Porém, estavam - os fascistas - sempre dispostos a coalizões temporárias, especialmente com a direita. Quanto ao estilo e organização é preciso mencionar o caráter de mobilização de massas do fascismo, a militarização da política, a simbologia mística, o caráter patriarcal - por meio da dominação masculina - e ainda, a tendência ao autoritarismo carismático e pessoal como meio de comando.

Paralelamente, Linz (1976) menciona que o fascismo é um movimento de caráter hipernacionalista, antiliberal, anticomunista, antiparlamentarista, antiproletário, anticapitalista, antiburguês, não clerical e populista, que busca integrar a sociedade nacional por meio de um partido único, com táticas legais e/ou violentas e ainda, com fins totalitários.

Do mesmo modo, Griffin (1991) conceitua o fascismo como ideologia política, um gênero que comporta suas diferentes espécies, porém dotado de uma essência central. Para o autor, a essência central do fascismo se encontra em um ideário de renascimento político, social e cultural que busca pôr fim a momentos crise ou decadência política, de modo revolucionário e ultranacionalista. Para o autor em comentário, a crise e decadência política, sob a ótica fascista, está sempre relacionada a um sentimento de desprezo - ou ódio - à racionalidade iluminista e suas consequências sociais, culturais e políticas.

Do mesmo modo que Griffin (2004), Sternhell (1991) entende que o mínimo fascista se encontra na ideologia anti-iluminista, porém, o autor caracteriza o fascismo, diferentemente dos outros já mencionados, como um fenômeno cultural que pode ou não adentrar no cenário político. Para ele o fascismo é uma cultura política anti-individualista, comunitária e antirracionalista, que em um primeiro momento repudia ideias iluministas e em um segundo momento busca um renascimento político, intelectual e moral, em que ele - o fascismo - aparece como a única resposta para os problemas sociais.

Para Athaides (2014, p. 10) "tanto Sternhell, quanto Griffin entendem o fascismo como cultura política, ou um gênero da cultura política." Porém,

diferentemente desses autores mencionados, Mann (2008) entende o mínimo fascista de modo diferente, dando ênfase ao nacionalismo orgânico, paramilitarismo e estatismo radical. O autor menciona ainda que o fascismo buscou transcender a ideia de luta de classes, impondo a luta entre Estados e a luta darwinista, sob a ótica racial. Mas ele não propôs unir os humanos, ao contrário, desprezando inúmeros deles, buscou gerar um novo homem, superior ao "homem médio".

Atualmente, o conceito tem seus elementos fundamentais conhecidos, mas acredito ser preciso relembrar como ele nasceu, e deste modo voltamos à Itália de Mussolini, e ao pós-Primeira guerra mundial. O fascismo aparece em 1919 sob o discurso de Benito Mussolini - um ex-socialista que percebe no cenário social do pós guerra uma possibilidade para ascender ao poder de modo ditatorial -.

O primeiro elemento do fascismo clássico - ou de outro modo, do fascismo Italiano - que cabe mencionar é o cenário social e político do momento de sua ascensão; era um pós-guerra mundial, tomado - na Itália especificamente e em outros países perdedores - por uma crise social. O fascismo buscou o renascimento da Itália, buscou criar um novo homem, por meio da reforma do Estado. Para eles - fascistas - o Estado que conduziria a Itália a glórias comparadas às do Império Romano precisaria ser autoritário, centralizado, sem partidos políticos, sem parlamento, em síntese, sem qualquer elemento democrático. Para isso era preciso terminar com as lutas sociais internas; o ideal era cooptar os italianos para adentrarem ao fascismo, mas em caso de impossibilidade, a violência aparecia como única resposta, pois para os fascistas era preciso total uniformidade entre os italianos, e desse modo, qualquer diversidade era imediatamente e violentamente censurada. O Estado foi colocado em primeiro plano, a sociedade educada sob a ótica do militarismo e do nacionalismo e a política externa era similar à do Império Romano, expansionista.

Outro elemento mencionado por Bertonha (2008) diz respeito ao modo pelo qual Mussolini e o fascismo ascenderam ao poder. Não há um golpe de Estado, e sim uma coalizão e um consenso político entre as elites e a monarquia, - especialmente à elite conservadora - de que o fascismo seria bom para a Itália. Em 1922, Mussolini é convidado para primeiro-ministro da Itália, dando início ao período e ao Estado fascista. Para o autor:

A vitória do fascismo não era inevitável, mas foi resultante da habilidade do movimento em lidar com os problemas italianos no período 1919/22 e se aproveitar dos erros e divisões de seus adversários e da cooperação (financeira, via apoio das forças políticas etc.) das classes dirigentes políticas e econômicas italianas, que viram no fascismo um instrumento para eliminar a agitação social e da esquerda que as incomodava no período. (BERTONHA, 2008, p. 7)

O apoio das camadas dirigentes, da Igreja e da burguesia foram fundamentais para que Mussolini conseguisse terminar com a democracia e implantar a ditadura fascista no país. O projeto de Mussolini sempre foi, segundo Bertonha (2008), mais autoritário do que totalitário, e logo que ascendeu ao poder, como primeiro-ministro, tratou de censurar seus inimigos, por meio de repressão e violência. Seus principais inimigos eram os comunistas e os anarquistas e muitos deles, como Gramsci, morreram na prisão. O apoio das elites e da Igreja era fundamental, mas não incondicional, porém, Mussolini conseguiu ainda certa legitimidade popular, por meio de seus discursos, cooptando uma base popular.

De todo modo, essa rápida introdução ao fascismo genérico e ao fascismo Italiano pode nos mostrar certas similaridades com o Brasil. Portanto, pretendo a seguir dissertar, sob a ótica de pensadores brasileiros, a respeito do caráter (neo)fascista do bolsonarismo.

BOLSONARISMO: NEOFASCISMO À BRASILEIRA

De um modo geral, a introdução deste estudo propôs, sob a ótica de conhecidos pensadores do fascismo, compreendê-lo de um modo genérico e a-histórico e, portanto, que não se limita ao fascismo de Mussolini, da Itália do século XX e pode ser encontrado nos dias de hoje, com suas atualizações, no bolsonarismo. Para compreender o bolsonarismo como ideologia política e fenômeno social de caráter neofascista, este estudo apresenta inicialmente, sob a ótica de Boito Jr (2020) e Júnior e Fargoni (2020), um enquadramento do bolsonarismo aos elementos centrais e funcionais do neofascismo. Posteriormente, por meio de diferentes óticas brasileiras, o estudo trata a respeito da ascensão do bolsonarismo. Por último, apresenta uma síntese a respeito dos pedidos de impeachment contra Bolsonaro.

Para conceituar o neofascismo - especialmente o caso brasileiro -, Boito Jr (2020) apresenta-o por meio de uma comparação com o conceito estudado anteriormente, fascismo genérico. O fascismo como gênero, compreende uma mobilização reacionária que se inicia em camadas intermediárias da sociedade. No Brasil, o neofascismo aparece com as camadas médias e pequenos proprietários. O objetivo geral do fascismo - como gênero - é terminar - no sentido literal - com a esquerda², desqualificando-a e estigmatizando-a no mundo político. No Brasil, o neofascismo aparece em meio a uma política que busca censurar o reformismo burguês de base popular desorganizada, especialmente no que diz respeito aos trabalhadores mais marginalizados - terceirizados, subempregados, desempregados, uberizados, em síntese, precarizados -.

Quanto ao caráter genérico do fascismo - gênero do qual o neofascismo bolsonarista é espécie -, Boito Jr (2020) entende-o como uma ideologia conservadora, acrítica, que busca responder de modo imediato às demandas das camadas intermediárias; no Brasil, o neofascismo aparece sob a ótica e o discurso anticomunista - particularmente antipetista -, de culto à violência - simbólica, mas quando preciso, física -, que critica a corrupção, entendendo-a como um elemento específico da "esquerda" e ainda, despreza o jogo democrático, considerando-o insuficiente e ineficaz; o neofascismo - no que diz respeito ao cenário brasileiro - politizou a misoginia, o racismo e a LGBTfobia. O autor em comento, menciona ainda que o fascismo genérico é sempre voltado a uma mobilização de base, e que no caso brasileiro, o neofascismo, como atualização, mesmo que ainda de modo desorganizado, porém não ineficaz, organiza a sua base por meio de redes sociais.

Boito Jr (2020) apresenta ainda elementos teóricos, quanto ao bolsonarismo - a respeito do processo geral de ascensão do fascismo genérico e do neofascismo. Desse modo, o fascismo - como gênero - aparece em razão de crises políticas e/ou entre as instituições estatais, sendo perceptível o caráter de luta de classes - no

² Consoante o Dicionário On-line Michels (<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/esquerda/>) o sentido político de esquerda pode ser compreendido como oposição parlamentar e/ou político partidária ao pensamento conservador. Do mesmo modo, o dicionário entende como esquerda - no sentido político do conceito - um modo de pensar a sociedade que considera o sistema socialista e/ou comunista - de ótica marxista - superior ao capitalismo, por defender a igualdade social.

sentido marxista -, e o neofascismo, no Brasil, torna isso perceptível, porém, de um modo menos radicalizado, porque - ao menos até o momento desse estudo - a luta de classes está acontecendo dentro do jogo democrático, diferente dos casos clássicos de fascismo do século XX, de Mussolini e Hitler. Paralelamente à crise política há uma crise dos partidos burgueses tradicionais, Boito Jr (2020) percebe que quanto ao neofascismo, no Brasil, criou-se um sentimento antipolítico que afetou todos os partidos tradicionais - PMDB, PSDB, e especialmente o PT - e que possibilitou a emergência à cena política de partidos de direita radical, principalmente nas eleições de 2018.

Finalizando a comparação, Boito Jr (2020) menciona que os partidos de esquerda - no fascismo genérico - tem seu jogo político marcado por perdas, conseqüentemente, a cena política se mostra favorável aos partidos burgueses. Quanto ao Brasil, como modelo de neofascismo, é importante mencionar - como perdas políticas - o Impeachment de Dilma - entendido pelo autor como Golpe jurídico-político -, a condenação e inelegibilidade de Lula, a reforma trabalhista - que consoante o magistério do autor, precarizou, terceirizou e informalizou de inúmeros modos o trabalho no país -, e por fim - caracterizando a ascensão do fascismo ao poder - a eleição de Jair Messias Bolsonaro à presidência, e ainda, a eleição de 54 Deputados Federais do Partido Social Liberal - partido que elegeu Bolsonaro como presidente -. O fascismo genérico, que se inicia em camadas intermediárias, é cooptado pela burguesia e usado como instrumento político burguês que possibilita a ascensão de um novo governo, de uma nova hegemonia burguesa. No Brasil, consoante o magistério do autor em comento, o neofascismo é representado por meio do governo Bolsonaro e seus adeptos, que reestabeleceram a hegemonia do capital imperialista e a burguesia dele dependente, colocando de lado a burguesia nacional.

Conceituado teoricamente o neofascismo - sob o magistério de Boito Jr (2020) -, trataremos agora do pensamento de Júnior e Fargoni (2020) e depois este estudo mostrará como se deu a sua ascensão no Brasil - sob a ótica de pensadores brasileiros - e por último, há ainda uma rápida síntese dos pedidos de impeachment direcionados ao atual presidente do país.

Com um método similar ao de Boito Jr (2020), Júnior e Fargoni (2020) apresentam os elementos centrais do neofascismo e como eles se enquadram à política bolsonarista. Desse modo, há em Bolsonaro e seus adeptos: i) reacionarismo: rejeição ao pensamento moderno, por meio do desrespeito ao pensamento crítico brasileiro. "Filósofos, antropólogos, sociólogos e todos outros críticos [...] são considerados no Bolsonarismo o mesmo que os iluministas foram (e são) para os fascistas: os subversivos da sociedade" (JÚNIOR; FARGONI, 2020, p. 11). ii) anti-intelectualismo: ao criticar e menosprezar o conhecimento científico, o que pode ser percebido por meio do contínuo desrespeito às universidades públicas e ainda, no (des)trato dado à pandemia de Covid-19. iii) autoritarismo e prepotência: por meio da censura - realizada por milícias digitais - à manifestos públicos críticos. Veja o seguinte discurso do presidente: "Deus acima de tudo. Não tem essa historinha de Estado laico não. O Estado é cristão e a minoria que for contra que se mude. As minorias têm que se curvar para as majorias" (JÚNIOR; FARGONI, 2020 p. 13). iv) aversão à pluralidade: comportamento político de desrespeito às minorias e as pluralidades, o que pode ser percebido em seus discursos de ódio contra a ideologia de gênero - sintagma pejorativo para os estudos de gênero - ou ainda, em projetos defendidos por eles, como o Escola sem Partido. v) pacto com as elites (burguesia e neoliberais).

Continuando o enquadramento teórico do bolsonarismo ao neofascismo, Júnior e Fargoni (2020) entendem, a respeito do bolsonarismo que ele é, ainda adepto a/ao: vi) nacionalismo retórico: que discursa em nome do Brasil e seus símbolos, mas em meio a prática política se mostra como um típico país de capitalismo dependente, cada dia mais à mercê da política estadunidense. vii) necropolítica e necro-estado. viii) belicosidade: que pode ser facilmente percebida em meio aos discursos de defesa e importância do armamentismo e do militarismo. ix) militarismo e milicianismo: que se mostra em meio a movimentos autoritários e intimidatórios que desprezam a democracia por meio do paramilitarismo. x) meritocracia e empreendedorismo.

E para finalizar, há ainda - sob a ótica de Júnior e Fargoni (2020), mais dois elementos a serem mencionados: xi) intolerância e preconceitos: misoginia, racismo, LGBTfobia e xenofobia por meio de discursos e práticas políticas de demonstram a

defesa da família tradicional - cis-heteronormativa - e o desprezo às mulheres. xii) propaganda: que se dá por meio de campanhas digitais e Fake news - que hoje é objeto de estudo em CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito).

Podemos concluir que o neofascismo no Brasil se mostra de modo característico no que conhecemos como bolsonarismo, ideologia e fenômeno social que reúne o Governo Bolsonaro - eleito à presidência em 2018 - e seus adeptos, nomeadamente partidos de direita e extrema direita. Quanto à Bolsonaro, nada tem de outsider, é um conhecido ator político de extrema direita, eleito em 1989 como vereador do Rio de Janeiro e posteriormente, até 2018, como Deputado Federal. Porém, até pouco depois do impeachment de Dilma Rousseff (PT) era distófico pensar que ele seria, em um futuro próximo, eleito para a presidência. Mas, desde as jornadas de junho de 2013, segundo Júnior e Fargoni (2020), o bolsonarismo - como ideologia política - é introduzido no cenário brasileiro e rapidamente ganha visibilidade e adesão popular em razão do seu discurso populista e conservador - característico do fascismo genérico, como visto anteriormente - que pretende universalizar a moral e as verdades cristãs e neoliberais. Para isso, ele opera com linguagem fácil e anti-intelectual. Desse modo, como já mencionado, o presente estudo busca - sob a ótica de pensadores brasileiros - entender a ascensão do bolsonarismo.

Compreender as jornadas de junho de 2013 é essencial para a interpretação do neofascismo bolsonarista. É com elas que, a sociedade - especialmente camadas intermediárias - descrentes com o Governo PT, em razão dos casos de corrupção - como o mensalão - são cooptadas por meio de discursos midiáticos manipulados, não só por meio da mídia tradicional, mas também por redes sociais, para um pensamento e comportamento antipolítica, antiesquerda e antipetista. O sentimento de antipetismo operou protestos em todo o país em 2015 e 2016, e as "novas direitas" - termo usado por Solano (2019) - usaram de discursos neofascistas e de fake news para criminalizar e estigmatizar o Partido dos Trabalhadores e Dilma, proporcionando a adesão popular necessária ao Impeachment de Dilma, que aconteceu em 2016 e deve - segundo Júnior e Fargoni (2020) - ser compreendido como um Golpe jurídico-político, de caráter neofascista.

Michel Temer - PMDB - como presidente, em razão do impeachment de Dilma, opera o início da ofensiva reacionária neoliberal, reduzindo direitos trabalhistas e a própria máquina pública, especialmente por meio da Emenda Constitucional n. 95/16 (BRASIL, 2016) que reduziu os gastos públicos primários, de modo drástico, por 20 anos, afetando diretamente direitos fundamentais do cidadão como o direito à educação, a saúde e a seguridade social. (JÚNIOR; FARGONI, 2020)

Do mesmo modo que Júnior e Fargoni (2020), Druck e Filgueiras (2020) entendem que os primeiros elementos do fascismo no Brasil contemporâneo se encontram nas jornadas de junho de 2013, os protestos sociais em torno dos gastos públicos, especialmente quanto a precariedade do transporte público, foram reorientados - a mando da nova direita brasileira - para a pauta antipetista, que responsabilizou o Partido dos Trabalhadores, especialmente o Governo de Lula da Silva e Dilma Rousseff, por todos os problemas atuais do país, dando ênfase à corrupção e considerando-a um elemento comum da prática política de esquerda. Os autores justificam as jornadas de junho, como uma resposta popular à crise econômica, e entendem que esta crise tem suas raízes em uma crise econômica mundial, que aconteceu em 2008 e afeta de modo drástico países da periferia do imperialismo, em razão do seu caráter dependente.

Filgueiras (2020) entende que o Governo Bolsonaro não pode ser considerado como resultado de um processo democrático. Para ele a chapa Bolsonaro-Mourão foi eleita ilegalmente, por duas razões: teve como elemento central o uso de Fake News, como já mencionado, não só na mídia tradicional corporativa, mas principalmente por meio de redes sociais, e ainda, os autores mencionam o uso político do Poder Judiciário e do Ministério Público - por meio da operação Lava-Jato -.³

Soares (2020) enumera fatores que possibilitaram a ascensão do Bolsonarismo ao poder, considerando-o um projeto político de extrema direita, neoliberal e neofascista: i) inelegibilidade de Lula da Silva. ii) o atentado contra

³ É importante mencionar que a Lava-Jato condenou Lula da Silva, causando sua inelegibilidade para as eleições de 2018, por meio do magistério de Sergio Moro - que depois foi nomeado Ministro da Justiça de Bolsonaro. Hoje a condenação de Lula e todo o processo dele estão anulados, pelo Supremo Tribunal Federal, em razão da suspeição de Sergio Moro, por manter uma relação desonesta, principalmente com o Procurador da República, Dallagnol.

Bolsonaro, que distanciou o mesmo dos debates presidenciais. iii) adesão dos evangélicos neopentecostais ao projeto bolsonarista, dando ao mesmo um teor central de fundamentalismo religioso e conservadorismo cristão. iv) adesão das camadas burguesas ao projeto neoliberal bolsonarista.

Considerando o caráter crítico da ascensão do bolsonarismo, há ainda que se perceber que para boa parte da população, Bolsonaro não resolve os problemas do país, ao contrário, piora. O instituto Datafolha, em maio de 2021, mostrou que atualmente o presidente tem a pior aprovação de seu mandato, com 24%. Paralelamente, o índice de reprovação está entre 44% e 45%. Para 58% da população o presidente Bolsonaro não está preparado para governar o Brasil. Por fim, cabe mencionar que 49% defendem o impeachment do presidente. (DATAFOLHA, 2021)

Por meio desses dados do Datafolha, é perceptível a instabilidade - ao menos quanto à opinião pública - do mandato de Bolsonaro. Consequentemente, foram propostos ao presidente da Câmara dos Deputados 118 pedidos de impeachment. 1492 pessoas e mais de 500 organizações assinaram os pedidos. Os pedidos tratam de inúmeros problemas, como: Coronavírus, manifestações antidemocráticas, quebra de decoro, imprensa, ditadura militar, improbidade administrativa, Sérgio Moro, genocídio, direitos humanos, racismo, abuso de poder, Marielle Franco, homofobia, censura, crimes de ódio e ainda, machismo. (APUBLICA, 2021)

Desse modo, uma rápida síntese dá conta de concluir o objetivo do presente estudo. O fascismo como fenômeno a-histórico não é um consenso entre os pensadores, porém, parte considerável dos pensadores contemporâneos - nacionais e internacionais - compreende que, é possível encontrarmos nos dias de hoje, ideologias (neo)fascistas, dentre elas, a ideologia bolsonarista.

Quero retomar alguns elementos (neo)fascistas para rapidamente poder comentar o enquadramento do bolsonarismo ao que compreendemos como fascismo genérico. Como já mencionado, o fascismo é a-histórico e precisa ser compreendido em meio ao seu contexto temporal e cultural, desse modo, não se espera que o caso bolsonarista, ou qualquer fenômeno político contemporâneo seja totalmente igual ao fascismo clássico de Mussolini, ao contrário, é preciso perceber

suas transformações. Desse modo, quero iniciar essa conclusão mencionando os elementos particulares do (neo)fascismo brasileiro - segundo a ótica dos pensadores já mencionados -: i) nacionalismo retórico: o caso brasileiro é diferentemente do caso italiano, há um nacionalismo retórico, visto que, o Brasil é um país de capitalismo dependente, e sob o comando de Bolsonaro, essa dependência aparece especialmente para com a política neoliberal e imperialista estadunidense. ii) meritocracia e empreendedorismo: o (neo)fascismo bolsonarista é segundo Messenberg (2019) conservador, antipetista - elemento contemporâneo do anticomunismo - e diferentemente do fascismo clássico, é adepto ao pensamento neoliberal.

Somam-se as diferenças as inúmeras similaridades entre o fascismo clássico e o bolsonarismo como (neo)fascismo, dentre elas: i) reacionarismo: como rejeição ao pensamento moderno; ii) anti-intelectualismo; iii) autoritarismo e prepotência; iv) aversão à pluralidade; v) necropolítica; vi) militarismo e milicianismo; vii) intolerância à preconceitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Athaides, Rafael. O fascismo genérico e o integralismo: uma análise da Ação Integralista Brasileira à luz das recentes teorias do fascismo. *Diálogos (Maringá Online)*, v. 18, n.3, p. 1305-1333, set-dez/2014.

PAYNE, Stanley. *A History of Fascism. 1914-1945*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1995.

LINZ, Juan J. Some Notes Toward a Comparative Study of Fascism in Sociological Historical Perspective. In: LAQUEUR, Walter. *Fascism: A Reader's Guide*. Berkeley: University of California Press, 1976.

GRIFFIN, Roger. *The Nature of Fascism*. Londres: Pinter Publishers, 1991.

GRIFFIN, Roger; FELDMANN, Mathew (Orgs.). *Fascism: Critical Concepts in Political Science*. vol 1. Londres: Routledge, 2004.

STERNHELL, Zeev. *El nacimiento de la ideología fascista*, Madrid: Siglo XXI, 1994.

MANN, Michael. *Fascistas*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

Bertonha, João Fábio. Coerção, consenso e resistência num Estado autoritário: o caso da Itália fascista. *Diálogos*, DHI/PPH/UEM, v. 12, n. 1, p. 141-163, 2018.

Júnior, João dos Reis Silva. Fargoni, Everton Henrique Eleutério. Bolsonarismo: a necropolítica brasileira como pacto entre fascistas e neoliberais. *Revista eletrônica de educação*, v. 14, 1-26, jan/dez. 2020.

Boito Jr. Armando. Por que caracterizar o bolsonarismo como neofascismo. *Crítica Marxista*, n. 50, p. 111-119, 2020.

Filgueiras, Luiz. Druck, Graça. O governo Bolsonaro, o neofascismo e a resistência democrática. in _____ (org.). *O Brasil nas trevas (2013-2020): do golpe neoliberal ao neofascismo*. Boitempo, 2020.

Filgueiras, Luiz. Como as democracias morrem: o governo Bolsonaro não é "normal". In: Filgueiras, Luiz. Druck, Graça. *O Brasil nas trevas (2013-2020): do golpe neoliberal ao neofascismo*. Boitempo, 2020.

Soares, Luiz Eduardo. *Dentro da noite feroz: o fascismo no Brasil*. Boitempo, 2020.

DATAFOLHA. Opinião pública: A aprovação do governo Bolsonaro cai de 30% para 24%. 21/05/2021. Disponível em:

APUBLICA. Os pedidos de impeachment de Bolsonaro. 2021. Disponível em: <https://apublica.org/impeachment-bolsonaro/>

Messenberg. Débora. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. In: Solano, Esther. Rocha, Camila (org.). *As direitas nas redes e nas ruas: A crise política no Brasil*. Expressão Popular. 2019.